

## O PAPEL EDUCACIONAL E A COMPLEXIDADE DO TRABALHO REALIZADO PELAS MULHERES NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE SANTA CRUZ DO SUL

BORGES, B.<sup>1</sup>; MORETTI, C. Z.<sup>2</sup>

**PALAVRAS-CHAVE:** Pedagogia da alternância. Mulheres camponesas. Saberes populares. EFASC.

### RESUMO

Este artigo apresenta um recorte do projeto de pesquisa “(Des)colonialidade do ser/poder/saber na Pedagogia da Alternância: sistematização de uma experiência” e tem como objetivo compreender a complexidade do trabalho realizado pelas mulheres dentro das propriedades rurais e o papel educacional desempenhado por elas na Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (EFASC). Trata-se de uma pesquisa qualitativa que coloca em relevo a participação das mulheres na Pedagogia da Alternância. Para tanto, foram analisadas entrevistas realizadas com mulheres que possuem vínculo com a EFASC, em um contexto de tese de doutorado relacionada ao projeto. Como orientação teórico-epistemológica, tomamos o princípio da educação popular e da educação do campo como fundamentos, compreendendo melhor o processo pedagógico da escola e a importância do conhecimento e do trabalho desempenhado pelas agricultoras para garantir que a alternância aconteça. As análises possibilitaram compreender que os conhecimentos das mulheres não se limitam ao trabalho doméstico e dos cuidados, elas também desempenham um papel educacional com a construção e transmissão de conhecimentos a partir de saberes populares e para a manutenção da sobrevivência da família e da comunidade. Outra questão observada, refere-se à transitividade da consciência na relação entre educação e o trabalho no processo da pedagogia da alternância. Além disso, compreendemos que durante a troca e construção de saberes dentro das propriedades rurais, os conhecimentos transmitidos para os jovens e para as jovens são diferenciados, conservando ou desconstruindo papéis sociais esperados para o conjunto de educandos/as na pedagogia dominante.

### THE EDUCATIONAL ROLE AND THE COMPLEXITY OF THE WORK DONE BY WOMEN IN THE ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE SANTA CRUZ DO SUL

**KEYWORDS:** Pedagogy of alternance. Peasant women. Popular knowledge. EFASC.

### ABSTRACT

This article presents a section of the research project "(De)coloniality of being/power/known in the Pedagogy of Alternance: systematization of an experience" and has as its objective to understand the complexity of the work done by peasant women in the rural properties and the educational role played by them in the Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (EFASC). This is qualitative research that highlights the participation of women in the Pedagogy of Alternance. To this end, we analyzed interviews with peasant women who have ties with EFASC, in the context of a doctoral thesis linked to the aforementioned project. As a theoretical and epistemological orientation, we have taken the principles of popular education and rural education as foundations, better understanding the pedagogical process of the school and the importance of the knowledge and work performed by the women farmers to guarantee that the alternance happens. From these analyses it was possible to understand that women's knowledge is not limited to domestic and care work, for they also play an educational role inside the farms, with the construction and transmission of new knowledge based on popular knowledge and knowledge for the maintenance of the survival of the family and the community. Another issue observed refers to the consciousness about education and work in the process of the pedagogy of alternance. Besides this, the analysis made it possible to understand that during the exchange and construction of knowledge inside the rural properties, the knowledge transmitted to the boys and girls is differentiated, conserving or deconstructing the social roles expected for the group of students in the dominant pedagogy.

<sup>1</sup> Acadêmica do curso História na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Bolsista PIBID/CNPq. E-mail: bruna.car.borges@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Educação, professora e pesquisadora do Departamento de Ciências, Humanidades e Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado e Doutorado na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). E-mail: cheron@unisc.br

## 1 INTRODUÇÃO

Esse artigo apresenta um recorte do projeto de pesquisa “(Des)colonialidade do ser/poder/saber na Pedagogia da alternância: sistematização de experiências da EFASC” vinculado à Linha de Pesquisa: Educação, Trabalho e Emancipação (ETE) no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul, cuja coordenação é realizada pelo Grupo de Pesquisa-CNPq: Educação Popular, Metodologias Participativas e Estudos Decoloniais. Tem como objetivo principal: compreender a complexidade do trabalho realizado pelas mulheres camponesas nas propriedades rurais e o papel educacional desempenhado por elas na Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (EFASC). Trata-se de uma pesquisa qualitativa em educação e é parte da sistematização de experiência pedagógica dessa escola. Sistematizar uma experiência implica em ter como objeto de conhecimento as relações entre teoria e a prática de um grupo que vivencia e produz uma determinada experiência sócio-histórica, bem como implica em realizar um exercício coletivo de reflexão das dinâmicas dos processos e dos movimentos de seus fenômenos educacionais. (JARA H, 2012).

A EFASC é uma escola comunitária de Ensino Médio e Técnico em Agricultura, conforme o estabelecido nos Pareceres nº 142/2009 e nº 692/2010 do Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Sul (CEED/RS) e da deliberação nº 525/2019 do mesmo Conselho. A escola atende exclusivamente as filhas e os filhos de agricultores e agricultoras e se propõe a fortalecer a agricultura familiar, a promover a agroecologia e o desenvolvimento regional. É a primeira escola família agrícola do Rio Grande do Sul e, em poucos anos de existência, favoreceu o surgimento de outras EFAS no estado<sup>1</sup> que, juntas, atendem às necessidades educacionais dos povos do campo de 50 municípios, aproximadamente. Além disso, está gerida pela Associação Gaúcha Pró-Escolas Famílias Agrícolas (AGEFA).

O já mencionado Grupo de Pesquisa, após a identificação de 19 Instrumentos Pedagógicos (IPs) e de suas respectivas Ações Pedagógicas (APs) para o desenvolvimento de cada um deles, observou o protagonismo das mulheres camponesas na relação docência-discência<sup>2</sup>. Assim, na busca pela compreensão da importância do Estágio de Vivências, um desses instrumentos pedagógicos, concluiu que a práxis educativa na EFASC ocorre através da docência compartilhada no trabalho pedagógico alternado entre sessões escolares e não escolares<sup>3</sup>, com ênfase nos saberes adquiridos no trabalho produtivo e reprodutivo, ou seja, que tem a ver com própria vida cotidiana das/nas famílias e da/na escola. Em outros termos, tratou-se de considerar que todos e todas se encontram na condição de quem ensina e de quem aprende ao mesmo tempo (FREIRE, 1996).

<sup>1</sup> Depois da EFASC, fundou-se a Escola Família Agrícola da Serra Gaúcha (EFASERRA), no município de Caxias do Sul, em 2013; a Escola Família Agrícola de Vale do Sol (EFASOL), no município de Vale do Sol, em 2014; e, a Escola Família Agrícola do Sul (EFASUL), no município de Canguçu, em 2016. Assim, os 23 municípios do Vale do Rio Pardo são atendidos pela EFASC e pela EFASOL. Ambas EFAs integram o Observatório da Educação do Campo do Vale do Rio Pardo, além da Articulação em Defesa da Educação do Campo e diferentes movimentos sociais.

<sup>2</sup> As ações pedagógicas são importantes para que interações dialógicas aconteçam entre estudantes e famílias, família e monitores/as, e estudantes e monitores/as; e, estão relacionadas às necessidades de cada um dos Instrumentos Pedagógicos (IPs). Para uma melhor compreensão sobre essa discussão, consulte o quadro com a identificação de cada um dos IPs e as suas descrições publicadas no artigo: ÁVILA, Juliano Soares; BORGES, Bruna Caroline; MORETTI, Cheron Zanini. SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS: UMA ANÁLISE DO ESTÁGIO DE VIVÊNCIAS COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE SANTA CRUZ DO SUL. *Revista Jovens Pesquisadores*, Santa Cruz do Sul, v. 10, n. 2, p. 73-88, abr. 2021. ISSN 2237-048X. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/jovenspesquisadores/article/view/14894>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

<sup>3</sup> Anualmente, são realizadas 20 sessões escolares e 20 sessões familiares/comunitárias, cumprindo 200 dias letivos. No contexto de pandemia e de estiagem, a EFASC realizou uma pesquisa através de Google Forms sobre as condições de estudos e de trabalho dos/das estudantes matriculados/as e as suas respectivas famílias, adaptando a sua proposta metodológica. Assim, desde o mês de março de 2020, todas as atividades de formação passaram a ser realizadas por ensino remoto e à distância, sendo enviadas um conjunto de atividades por meio de diferentes ferramentas digitais, sem perder o vínculo educacional do trabalho na terra. (AGEFA; EFASC, 2020).

Com isso, entendemos que essa relação vai para além da sala de aula, seja na troca com a comunidade ou entre as famílias, que também são a própria escola, caracterizando uma relação sistêmica do conhecimento.

Também foi possível analisar as diferentes formas de socialização entre meninos e meninas, muitas vezes mantendo a lógica de reprodução pela divisão sexual do trabalho. Enquanto a socialização entre os meninos tende a ser mais livre, a socialização das meninas tende a ser relacionada à reprodução da vida, como a realização do trabalho doméstico e atividades de cuidado. (ÁVILA, BORGES, MORETTI, 2020, p.14).

Logo, identificamos a importância de colocarmos foco de nossa investigação nas mulheres que atuam na EFASC exercendo papéis sociais de filhas, netas, mães, avós, esposas e educadoras daqueles e daquelas que constroem a escola em seus diversos tempos e espaços pedagógicos, ou seja, monitoras, estudantes e agricultoras. As relações complexas e contraditórias analisadas anteriormente permitiram que buscássemos compreender a importância do trabalho realizado por todas elas, bem como as suas participações no processo pedagógico da alternância entre tempo e espaços escolares e não escolares.

De acordo com Michelle Perrot (2007), as mulheres sempre trabalharam, mas raramente suas atividades foram/são vistas como tal, pois são reconhecidas como “ajuda”. Ou seja, as mulheres são responsáveis por tarefas de reprodução da vida, reprodução da força de trabalho e do cuidado (ARRUZA, 2017) e, esse trabalho não é reconhecido em uma sociedade patriarcal. Esse estudo apresenta uma abordagem histórico-crítica sobre as relações sociais de gênero, buscando a valorização dos saberes da experiência e do trabalho realizado pelas mulheres envolvidas na Pedagogia da Alternância, seja no âmbito doméstico e de cuidado, como em atividades de acompanhamento e participação nos Instrumentos Pedagógicos da EFASC.

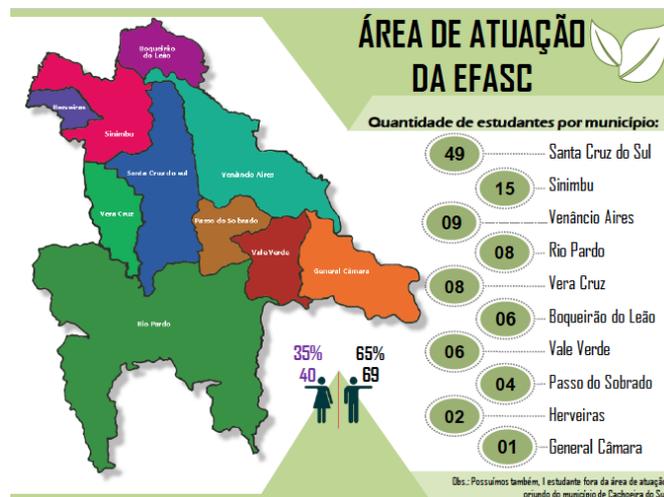
Organizamos esse artigo em algumas seções, para além dessa introdução. Na primeira delas, apresentamos algumas considerações sobre educação, trabalho e relações sociais de gênero na pesquisa com/sobre as mulheres na pedagogia da alternância; em seguida, apresentamos as discussões suscitadas em torno dos papéis das mulheres na Escola Família de Santa Cruz do Sul, a partir de sua experiência pedagógica.

## **2 Pesquisa com/sobre as mulheres: educação, trabalho e relações sociais de gênero**

Além de apresentar aspectos metodológicos, caracterizamos a representatividade das mulheres na EFASC e nas produções acadêmicas, reiterando a importância da pesquisa. Assim, objetivamos compreender o papel educacional que as mulheres desempenham dentro da pedagogia da alternância e a complexidade do trabalho desempenhado pelas mulheres camponesas dentro das propriedades rurais. As discussões realizadas pelo Grupo de Pesquisa partem da ideia de que os conhecimentos produzidos sobre a Pedagogia da Alternância possibilitam ampliar a visão sobre o processo educativo da EFASC.

No ano de 2020, a EFASC foi responsável por atender aquelas famílias cujas propriedades estão localizadas em 10 municípios de sua região de abrangência, ou seja, de um território formado por 23 municípios que, em sua totalidade, possui aproximadamente 154 mil pessoas vivendo no e do campo. Além disso, nesse mesmo ano, contou com 109 estudantes matriculados/as, sendo que dentre todos/as, 40 são do gênero feminino

e 69 do gênero masculino <sup>4</sup>. Portanto, no ano de 2020, a porcentagem de estudantes mulheres na escola foi de 35%, como se pode observar no mapa elaborado pela AGEFA e pela EFASC, e divulgado em seu relatório anual de atividades:



Fonte: AGEFA; EFASC (2020)

Além disso, nesses 11 anos de atuação, a EFASC formou 254 jovens, sendo que 54 são mulheres (21%) e 200 são homens (79%); do total de egressos/as, 89% mantêm algum vínculo com o trabalho na terra, em especial, na agricultura familiar como trabalhadores/as rurais, técnicos agrícolas, educadores/as, estudantes de nível de graduação e de pós-graduação em áreas afins (ÁVILA; BORGES, MORETTI, 2020). Os/as egressas são originárias/as de 13 municípios, a saber: Gramado Xavier, Boqueirão do Leão, Herveiras, Sinimbu, Candelária, Vale do Sol, Vera Cruz, Rio Pardo, General Câmara, Vale Verde, Passo do Sobrado, Venâncio Aires e Santa Cruz do Sul; e de, pelo menos, 140 comunidades camponesas.

Quanto à gestão, organização e representatividade de gênero, tomamos como referência o estudo realizado por Vergutz (2021, p.41), integrante do GP. Segundo a autora, a diretoria da União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil (UNEFAB) é composta por cinco homens e uma mulher que ocupa o cargo de vice-presidenta; a diretoria da Associação Pró-Escolas Famílias Agrícolas (AGEFA) é composta por quatro homens e duas mulheres que ocupam o cargo de vice-presidenta e 2ª secretária; e a EFASC, que a partir do ano de 2011 assumiu uma gestão por coordenação (institucional, administrativa-financeira, pedagógica, agrícola-estágios, internato, convivência), é formada apenas por uma mulher na função de coordenadora pedagógica<sup>5</sup>. Tal caracterização reitera a relevância do foco de nosso estudo.

As produções acadêmicas sobre a Pedagogia da Alternância no Brasil começaram a ser publicadas em 1977, com a dissertação de Nosella. No Rio Grande do Sul, a primeira dissertação que apresenta a Pedagogia da Alternância como objeto de investigação é de autoria de Batistela, defendida na PUCRS em 1997 - ou seja, 20 anos depois da primeira pesquisa em nível de mestrado. No Rio Grande do Sul, encontramos o total de 17 dissertações e 2 teses, com o auxílio dos trabalhos de Teixeira, Bernartt e Trindade (2008), juntamente com o de

<sup>4</sup> É importante deixar nítido que o levantamento realizado pela EFASC considera a perspectiva de gênero para a autodeclaração dos/das estudantes. Desse modo, nenhum/a deles/as manifestou outra identidade de gênero.

<sup>5</sup> Reiteramos a informação de que não houve autodeclaração de outro gênero, dentre os/as participantes, conforme indica a autora.

Ferrari e Ferreira (2016), somado à nossa pesquisa junto ao catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, correspondente ao período de 1997 a 2016. Além disso, complementamos esse trabalho de levantamento, com o auxílio de uma mestranda e uma doutoranda<sup>6</sup>, correspondentes aos anos de 2013 a 2020, dados que ainda estão sendo organizados pelo Grupo de Pesquisa para análise de um conjunto de variáveis. Com essa pesquisa, a partir de uma busca qualificada pelas palavras-chave “mulheres camponesas” e “pedagogia da alternância”, foram encontrados 391 resultados, sendo 287 dissertações e 78 teses.

A partir disso, buscamos voltar o olhar para o papel desenvolvido pelas mulheres dentro da alternância, para tanto, foram feitas investigações bibliográficas e análise de documentos produzidos dentro do Grupo de Pesquisa. Muitos dos trabalhos publicados sobre as mulheres camponesas, estão focados em compreender como essas mulheres se organizam em movimentos sociais e pelas lutas por terras, trazendo uma crítica de como o trabalho realizado por mulheres camponesas é desvalorizado dentro das propriedades. Essa pesquisa oferece indícios sobre a desvalorização do trabalho desenvolvido pelas mulheres camponesas, em especial, desconsiderando a complexidade e a importância da realização desse trabalho dentro das propriedades rurais, além de seu papel educacional realizado na própria EFASC, transmitindo e construindo conhecimentos para os educandos e educandas através de saberes populares e conhecimentos sobre plantio e produção de alimentos, sobre chás e óleos medicinais, entre outros.

De modo geral, podemos pensar que nesses 50 anos de existência da Pedagogia da Alternância (PA) no Brasil, a metodologia proposta em seus pilares, valoriza a participação da família, a convivência no regime de internato e a alternância entre os diferentes tempos e espaços educativos. Porém, há uma tendência a invisibilizar a participação ativa das mulheres nos processos educacionais e laborais. Ou seja, uma contradição, dado que a PA “consiste numa metodologia de organização do ensino escolar que conjuga diferentes experiências formativas distribuídas ao longo de tempos e espaços distintos” visando à educação profissional e integral (TEIXEIRA, BERNATT & TRINDADE, 2008, p. 228). Nosella (2012) considera que essa dinâmica de alternância proporciona a reflexão (ação) sobre a vida e a experiência concreta dos sujeitos. Onde estão as mulheres?

Conforme Brenner e Lasle (apud Arruzza, 2018), o trabalho realizado pelas mulheres forma um todo complexo, cujas relações sociais implicam tanto na produção quanto na reprodução societal e social. É pertinente tomarmos em conta que:

[...] a reprodução societal inclui a reprodução social: isto significa que relações específicas de classe também definem o quadro dentro do qual a reprodução social ocorre. A noção de reprodução social, nessa perspectiva, tem o sentido de destacar a centralidade do trabalho de manutenção da vida e de reprodução da próxima geração como uma parte do trabalho necessário no interior de todo o processo de reprodução societal. (ARRUZZA, 2018, p. 43).

Essa compreensão nos permite voltar ao que Saviani entende por "ponto de partida". De acordo com o autor, a relação entre trabalho e educação "é uma relação de identidade", pois os homens e as mulheres "aprendiam a produzir sua existência no próprio ato de produzi-la". (2007, p.154). E, ao mesmo tempo, dialogar com a distinção proposta por Brenner e Lasle entre reprodução societal e social: a primeira terminologia indica a

---

<sup>6</sup> Dessa etapa da pesquisa, contribuíram para o levantamento de dissertações e teses, no Catálogo da Capes: Cristiane Corneli, bolsista PROSUC II-CAPES e Rute Elena Alves de Souza, bolsista PIPGSS.

reprodução de um sistema inteiro de relações enquanto que a segunda se refere ao "domínio mais específico da renovação e da manutenção da vida e das instituições e o trabalho necessário aí envolvido". (BRENNER e LASLE, 1991, p.314).

Assim, a sistematização vem nos possibilitando compreender em profundidade as experiências pedagógicas da EFASC junto aos sujeitos envolvidos. Como orientação teórico-epistemológica, tomamos o princípio da educação popular e da educação do campo como fundamentos, compreendendo melhor o processo pedagógico da escola e a importância do conhecimento e do trabalho desempenhado pelas agricultoras para garantir que essa experiência aconteça. Como fontes para essa pesquisa, analisamos entrevistas<sup>7</sup> de duas estudantes (Linda e Catiucia), duas egressas (Bruna e Sílvia), duas monitoras (Deise e Bruna), três agricultoras familiares (Rose e Angelita, mães de estudantes; e, Eroni, avó de estudante), a coordenadora pedagógica (Cristina), além da companheira/esposa de um monitor da escola (Bibiana).

Segundo Minayo (2018), a observação participante pode ser entendida como um processo no qual o pesquisador e a pesquisadora se inserem no contexto da pesquisa com a finalidade de, a partir da vida dos sujeitos, ir compondo sua prática investigativa.

Esse estudo teve início no final do primeiro semestre do ano de 2020 que teve como fonte entrevistas semiestruturadas realizadas em um contexto de tese de doutoramento vinculado ao projeto de pesquisa. As entrevistas foram realizadas com mulheres camponesas que possuem vínculo com a EFASC, dentre essas, analisamos entrevistas com duas estudantes da EFASC, três agricultoras familiares (uma mãe e uma avó de estudantes da EFASC), além de duas egressas, a coordenadora pedagógica e a esposa de um dos monitores da escola. Por conta da pandemia, a pesquisa se deu de forma virtual, através de reuniões do Grupo de Pesquisa onde foram debatidos os temas de pesquisa e leituras. A pesquisa é um recorte que tem como foco os trabalhos desenvolvidos pelas mulheres dentro das propriedades rurais e o papel educacional dos conhecimentos delas na pedagogia da alternância, a partir de uma visão crítica feminista e politizada sobre questões de gênero.

O processo contou com as transcrições dessas entrevistas e, em seguida, com a análise das mesmas.

### **3 Educação e trabalho: relações complexas e papéis sociais das mulheres na Pedagogia da Alternância**

Quando falamos sobre trabalho no campo, muitas vezes existe a ideia de um trabalho de homem, que é o trabalho considerado pesado e/ou o trabalho no campo e o trabalho de mulher, que é o trabalho doméstico, considerado o trabalho leve ou, quando a mulher realiza o trabalho na lavoura, é visto como ajuda. Há desigualdade nos questionamentos sobre a qualidade e a forma como os trabalhos realizados pelas mulheres são desempenhados, muitas vezes o trabalho que é realizado pelas mulheres camponesas é desvalorizado por não gerar lucros dentro da propriedade e as mulheres camponesas acabam sendo conhecidas apenas como a esposa ou filha do agricultor e não como trabalhadoras rurais.

Segundo Heleieth Saffioti, as mulheres "em todas as épocas e lugares têm contribuído para a subsistência

---

<sup>7</sup> Conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e interesse das próprias mulheres, seu primeiro nome será revelado, uma vez que o conteúdo das entrevistas foi analisado em outra pesquisa que tem como foco a "pedagogia das vozes" e a "pedagogia dos silêncios" a partir das experiências das mulheres na pedagogia da alternância da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul. (VERGUTZ, 2021).

da família e para criar riqueza social". (1976, p. 17). O que podemos compreender é que a consciência sobre o papel desempenhado pelas mulheres, acontece de forma diferente entre as entrevistadas. Algumas delas reconhecem e compreendem a importância dos seus conhecimentos e do trabalho que realizam dentro das propriedades familiares, reivindicando a sua valorização. Entretanto, outras mulheres, ainda não se reconhecem como trabalhadoras camponesas e sim, como trabalhadoras domésticas, mesmo quando desempenham atividades na lavoura. Dessa forma, as transformações são dificultadas.

Através das análises das entrevistas foi possível compreender que o papel educacional que as camponesas exercem dentro da alternância, bem como, a complexidade do trabalho que por elas é realizado, não se limita aos conhecimentos domésticos e/ou de cuidados. Compreendemos que os conhecimentos e saberes populares que essas mulheres transmitem vai ao encontro dos conhecimentos teóricos que a escola proporciona aos jovens educandos e educandas, por exemplo, dentre aqueles que são necessários para a realização dos Instrumentos Pedagógicos orientados por um conjunto de ações (planos de estudos, área experimental, feira pedagógica, estágio de vivências, Projeto profissional do/da Jovem dentre outros).

Outro aspecto que observamos foi o de conhecimentos que os/as estudantes recebem de forma prática nas propriedades através do trabalho, que são levados para dentro da escola, em particular nas colocações em comum, momento em que esses conhecimentos proporcionam as primeiras trocas de saberes, dentre todos/as participantes, além da sistematização que os/as monitores/as realizam colocando em diálogo com os conhecimentos técnicos.

Quando questionada sobre o quê o neto e a neta haviam aprendido com ela e o que haviam aprendido na escola, uma das entrevistadas revela que aprenderam:

*[...] a plantar porque desde criança pequena eles já ajudavam a plantar, andar na horta. [...] dos chás que eu ensinei muito também, cada um tem seu cantinho de chá. [...] cuidar das fases da lua. (Eroni, agricultora e avó de estudantes da EFASC, 2020).*

Já Silvia, egressa da escola, ao ser questionada sobre o que aprendeu com as mulheres da sua propriedade também traz a questão do cultivo de alimentos, como podemos ver abaixo:

*A mãe sempre trabalhou na horta, é plantar a salada pro almoço, pro jantar, os temperos, os chás, as próprias sementes de milho, de pipoca. A minha avó de Gramado Xavier também cultivava, então isso tudo eu também fui aprendendo tanto com a mãe quanto com minhas avós. [...] o trabalho da horta e até as fruteiras, foi mais com a mãe. (Silvia, egressa da EFASC, 2020).*

Nessas duas falas podemos observar que a questão da produção, cultivo de alimentos e cuidados com a horta, assim como a questão de chás e ervas medicinais, são conhecimentos e saberes construídos e transmitidos pelas mulheres camponesas. Os/as jovens levam esses conhecimentos para dentro da escola que retorna para a propriedade e para família através da alternância entre tempos e espaços em diálogo e em construção com os conhecimentos técnicos e científicos.

Dessa maneira, podemos ressaltar que um dos papéis essenciais que as mulheres desempenham dentro das propriedades, encontra-se na produção e cultivo de alimentos. De acordo com estudo realizado anteriormente, Corneli e Moretti, compreendem que: “um dos principais conhecimentos científicos que as mulheres se apropriam em seu trabalho é em relação ao solo, principalmente no que diz respeito a aprenderem e a incorporarem em suas práticas cotidianas que não é necessário o uso do agrotóxico para a produção de alimentos e outras culturas” (CORNELLI E MORETTI, 2018). Esse aspecto apresentado pelas autoras, foi igualmente observado quando analisamos o Estágio de Vivências como um Instrumento Pedagógico. Naquela oportunidade, as jovens estudantes descreviam as características naturais da região (relevo, hidrografia e clima) detalhadamente; além de registrarem com maior atenção os saberes em torno das sementes crioulas (procedência, reprodução, propriedades). (ÁVILA, BORGES, MORETTI, 2021).

Quanto à garantia da existência humana, ou seja, aspectos da produção e reprodução da vida, Sílvia também revela uma consciência crítica e a valorização do trabalho realizado por outras mulheres, assim como todo ensino-aprendizagem encontrados nele:

*Para garantir a existência, com certeza, se não fosse a mãe eu ia chegar lá e não ia saber fazer um ovo frito, eu ia morrer de fome, aprender a me virar. A louça está lá e ninguém vai lavar a louça por mim, ninguém vai lavar a minha roupa, ninguém vai limpar o apartamento pra mim é claro que eu aprendi com a mãe. (Sílvia, egressa da EFASC, 2020).*

A partir disso, podemos compreender que os conhecimentos que garantem a sobrevivência e a existência, como os trabalhos de manutenção da casa, de técnicas culinárias e de reprodução da vida são conhecimentos que são transmitidos pelas mulheres e que muitas vezes não são vistos como conhecimentos ou como trabalho. Como mencionamos, tais atividades são consideradas "ajuda". As experiências e reflexões dessas mulheres na pedagogia da alternância, revelam que sem esse conhecimento é impossível garantir a existência daqueles e daquelas que integram a família.

É importante ressaltar que uma das principais características da PA é a troca de conhecimentos entre a escola, a família e o meio comunitário, essa troca de saberes se apresenta como potencializadora de uma aprendizagem significativa e contextualizada com o meio em que os sujeitos implicados vivem e estabelecem suas relações. (VERGUTZ, 2013, p. 142). Assim, pode ser destacado a importância da troca de saberes quando os educandos e educandas relatam sobre os conhecimentos transmitidos pela família e os conhecimentos transmitidos pela escola e como esses conhecimentos se modificam mutuamente, ou seja, vão se re-construindo. Quando questionada sobre o quê o filho apresentou de conhecimentos da escola para dentro da propriedade, Rose responde:

*Eu já plantava cebola, a única coisa que eu plantava era cebola, mas a questão das outras hortaliças foi com a ida do Vitor pra lá que aí o colégio incentiva e aí eu comecei, comecei fazer a feira (Rose, agricultora e mãe de um estudante da EFASC, 2020).*

Portanto, relata como iniciou o processo de produção e comercialização de alimentos em uma feira comunitária. Assim, vemos que os conhecimentos que os educandos e educandas recebem na escola, são levados para dentro da propriedade e impactam a família inteira, na medida em que se apropriam de um novo conhecimento que passa a ser vinculado às necessidades existentes em sua realidade cotidiana. Contudo, os

conhecimentos que são transmitidos pelas mulheres, saberes que advém dos “saberes da experiência feito” (FREIRE, 1996), também acompanham os/as jovens quando retornam para a escola. É dessa forma que vão combinando os conhecimentos populares com os conhecimentos técnicos e, alternadamente, unindo a reflexão com a ação, o que os torna "cúmplices do desenvolvimento do seu contexto local e familiar" (VERGUTZ, 2013. p. 53). Nesse sentido, podemos ver a do-discência acontecendo, plenamente. Ou seja, todo o conhecimento trazido tanto por educadores e educadoras, quanto por educandos e educandas são compartilhados entre si e com as famílias, colocando todos os sujeitos na condição de quem ensina e quem aprende ao mesmo tempo (FREIRE, 1996; CORRÊA, 2016).

Outro aspecto muito observado na análise das entrevistas e na observação foi a troca de saberes realizada nas experiências de apoio entre mulheres. Assim, quando colocamos em ênfase os trabalhos domésticos e de cuidados que são realizados na maior parte por elas, é necessário pautar que muitas acabam deixando de fazer outras atividades por estarem sobrecarregadas, com o lar, a família, a horta e outros cuidados. Quando questionadas sobre isso, todas as mulheres entrevistadas trouxeram um ponto muito importante: a rede de apoio que se cria com outras mulheres.

Para que a alternância aconteça dentro da EFASC os estudantes e as estudantes dividem o tempo-escola e tempo-propriedade, sendo assim, durante uma semana passam o tempo na escola e na semana seguinte passam na escola, para possibilitar isso, é necessário que os/as monitores/as também façam essa alternância entre a sua residência e a escola. Com isso, as esposas dos monitores acabam se responsabilizando pelos cuidados com a casa e com os filhos, muitas vezes necessitando de apoio para conseguir conciliar esse trabalho com outras atividades. Como podemos ver, a esposa de um dos monitores relata sua rotina com os filhos durante a semana:

*Desarruma a mochila, lê a agenda, anota tudo num papel o que os professores pediram porque todos os dias tem recado, anota num papel, botar na minha bolsa, aí eu limpo toda a casa, limpo todo dia, lavo roupa, seco na secadora, gasto sempre um dinheirão com luz porque eu lavo todo dia de noite, seco já na secadora; deixar a casa com o aspirador passado. Então todo dia meia-noite, meia-noite e meia, eu vou dormir. Porque aí aquilo dá uma pesada porque é todo dia, eu aqui sozinha, não tem uma outra pessoa pras crianças pedirem sabe? É tudo a mãe: "mãe um mamã", "mãe uma comida", "mãe um banheiro", "mãe tô com fome", "mãe lê a agenda", "mãe faz tema", porque às vezes o tema não pode esperar o Rogério final de semana, tem que ser feito o trabalho né, mas a minha mãe ajuda muito eu não tenho o que me queixar da mãe. (Bibiana, companheira e esposa de um monitor da EFASC, 2020).*

Nessa fala, podemos compreender que o trabalho doméstico e de cuidado realizado pelas mulheres que muitas vezes é invisibilizado ou desvalorizado, torna-se imprescindível para que as atividades de alternância realizadas na escola aconteçam. Ou seja, para que o trabalho do educador se realize, no regime de alternância, as companheiras assumem a reprodução da vida como sua atividade principal. No relato de Bibiana, reitera-se a importância da divisão do trabalho. Na maioria das vezes, a divisão do trabalho não ocorre entre os parceiros, e, com isso, transforma-se em "apoio" entre mulheres, criando assim, uma rede entre aquelas que compartilham experiências e tarefas. É a própria Bibiana quem revela a formação dessa rede:

*[...] a minha mãe é a terceira pessoa no nosso casamento, eu sempre digo que eu e o Adair só conseguimos ficar distantes porque temos a minha mãe. Eu tenho a minha mãe, a Damásia que me ajuda, eu tenho a Fabi que é uma amiga desde que tenho 4 anos de idade que eu posso abrir a porta do carro, jogar meus filhos pra dentro da casa dela que a vida segue, ela faz tudo e também tenho minha cunhada Daiane, que são as pessoas que tocam a vida junto comigo. (Bibiana, companheira e esposa de um monitor da EFASC, 2020).*

Podemos compreender que mesmo as mulheres que não estão diretamente ligadas às atividades da EFASC, são de grande importância para que a alternância seja possível, as mulheres garantem esse processo através do trabalho, tanto doméstico e de cuidado, quanto da/na agricultura.

Além disso, no campo, as atividades são diferenciadas, entre o trabalho pesado (homens adultos e jovens) e o trabalho leve (mulheres e crianças). (PAULILO, 2016). O trabalho realizado pelos homens, na lavoura, geralmente é visto como trabalho pesado e por isso, mais valorizado, já o trabalho realizado pelas mulheres é visto como um trabalho leve, uma ajuda e, por isso, as mulheres recebem menos que os homens. O depoimento de Angelita, mãe de estudante da EFASC, contribui para que possamos entender que a definição de pesado ou de leve sobre o trabalho reforça estereótipos tanto quanto desigualdades de gênero:

*Todo mundo vai dizer que isso é serviço de homem, que aquilo não era serviço de mulher e que eu não poderia estar ali fazendo aquilo porque era coisa de homem. Ser mulher não é um ponto de fraqueza, ela tem mais força do que imagina. (Angelita, agricultora e mãe de um estudante da EFASC, 2020).*

As mulheres desempenham um papel fundamental, que não se limita aos conhecimentos domésticos. Desempenham atividades nas lavouras e pecuária, como é o caso de Angelita, e são responsáveis por toda a produção de alimentos, como a produção de mudas, o plantio, os tratamentos culturais e colheita para o consumo da família e, em alguns casos, para a venda na comunidade e a preparação final do alimento. Também realizam a ordenha de vacas, cuidados com os animais, produção de pães e artesanatos. Essas atividades desenvolvidas pelas mulheres agricultoras, muitas vezes, não são reconhecidas como sendo trabalho produtivo, mesmo quando desenvolvem atividades que geralmente são designadas como masculinas. O trabalho dessas mulheres é visto como "ajuda", uma atividade complementar às consideradas imprescindíveis ou principais. Nessas condições, as mulheres vão sendo alienadas de vários saberes do trabalho no campo, como revela Bruna:

*[...] eu nunca fui incentivada a aprender a andar de trator e mesmo que eu fosse, era até certo ponto, pois nunca vai ser uma responsabilidade minha saber preparar a terra" (Bruna, egressa e monitora da EFASC, 2020).*

Assim, podemos observar que os conhecimentos necessários não se limitam aos trabalhos domésticos e de cuidado. A fala da Bruna permite-nos perceber que os conhecimentos dos homens geralmente são transmitidos para os meninos das propriedades e as meninas não são incentivadas a se apropriarem dos mesmos conhecimentos. Ou seja, pode haver uma correspondência entre os gêneros e a geração no processo de ensino-aprendizagem. Os conhecimentos que as mulheres camponesas transmitem na propriedade e constroem junto

com as meninas é uma forma de resistência e de valorizar esse trabalho e conhecimento.

Essa desigualdade reflete nas atividades realizadas dentro da escola, quando os estudantes homens têm preferência por realizar atividades consideradas “pesadas”, ao invés de participar de coletivos de preparação de saladas ou de limpeza da louça, por exemplo. Muitas vezes essa preferência é pela “insegurança” de realizar atividades que desconhecem e quando se propõem a realizar, existe a expectativa de que as mulheres tomem a frente e direcionam eles para as funções. Linda, estudante da EFASC, é quem chama a nossa atenção para esse aspecto, muito embora tenhamos tido contato com os coletivos de trabalho:

*Quando a gente vai fazer alguma prática na área agrícola, tem coisas que eles acham que as meninas não podem fazer: “deixa que eles fazem porque têm mais força”. E, quando a gente vai fazer alguma coisa que envolve mais força, eles pensam que a gente vai se machucar e que “não podem fazer”. Por isso, que tem uma diferença (Linda, estudante da EFASC, 2020).*

As estudantes também apontam que essa diferença parte dos próprios colegas homens quando esperam que as meninas tenham a iniciativa de organização nas tarefas domésticas e de cuidado, no período de alternância na escola e que muitas vezes, os estudantes homens têm resistência em desempenhar trabalhos considerados leves ou que são trabalhos que geralmente são realizados pelas mulheres. Catiucia, estudante da EFASC, reitera a compreensão de sua colega:

*Quando a gente vai executar algum trabalho dentro da escola tem uma diferença sim, porque os meninos deixam tudo nas mãos das meninas: “as meninas que sabem, as meninas que têm que organizar e pensar como vão fazer”. Eles simplesmente participam junto. (Catiucia, estudante da EFASC, 2020).*

Outras vezes, os meninos se recusam a realizar alguma atividade que é direcionada à eles e, com isso, as meninas realizam por iniciativa própria, conforme podemos observar no relato de Sílvia, egressa da EFASC:

*Em atividades experimentais na escola, quando a gente tava fazendo experimentos com alguns microrganismos, um menino do grupo disse que não ia colocar o pulverizador e aí o outro menino disse que também não iria fazer, então eu disse que eu faria e então eu peguei e fiz, também tem aquela questão de provar que eu sei fazer, que eu também vou fazer, era um serviço um pouco mais pesado, mas eu fui lá e fiz. (Sílvia, egressa da EFASC, 2020).*

Como dito anteriormente, a análise possibilitou compreender que durante a construção de saberes dentro das propriedades, os conhecimentos transmitidos aos/as jovens reforçam papéis sociais esperados de acordo com o gênero, promovendo a reprodução societal. Dentro da escola, também acontece esse direcionamento em atividades práticas, onde os estudantes homens são direcionados aos trabalhos que exigem força, em trabalhos considerados como sendo produtivos, enquanto as estudantes mulheres são direcionadas aos trabalhos domésticos, produção e cultivo de alimentos que, muitas vezes, são considerados leves ou de menor importância, ou seja, reprodutivos. Catiúcia é quem problematiza essa questão:

*Um pouco vem dos monitores também, porque quando eles passam as práticas pra nós, geralmente, separam as meninas dos meninos, pras meninas fazerem atividades que é mais relacionado "ao que as mulheres fazem". E, é interessante que quando os monitores colocam as meninas para semear e depois chamam os meninos pra ajudar, os meninos não sabem como fazer e aí a gente ainda tem que estar ensinando como se semeia. (Catiucia, estudante da EFASC, 2020).*

Portanto, essa divisão de trabalhos de acordo com os papéis sociais acontece dentro das propriedades e dentro da escola. E, as estudantes percebem, conforme vão problematizando a reprodução de papéis sociais de gênero, tanto na escola quanto na família, começam a questionar esses direcionamentos às monitoras. Nesse momento, podemos identificar a constituição de outra rede de apoio entre mulheres: monitoras e estudantes. As monitoras vão, da mesma forma, constituindo-se em sujeitos de sua própria vida, na medida em que passam a mediar a leitura de mundo das estudantes, como podemos observar abaixo:

*Quando eu estudava aqui (na antiga escola) a gente não estudava sobre as mulheres, não era muito falado e quando eu entrei na EFASC, que tu Cristina começou a falar mais sobre as mulheres eu fui percebendo que a gente tinha certa importância na propriedade, na agricultura. (Linda, estudante da EFASC, 2020).*

*Às vezes, na área experimental, os meninos questionavam por que as meninas não estavam lá ou porque não tinha nenhuma monitora acompanhando, mas a gente estava lá, a gente participava de tudo, mas a gente tinha que estar sempre provando e fazendo a mais. (Sílvia, egressa da EFASC, 2020).*

*São essas vozes, que às vezes não aparecem, a gente chama de silêncio na minha tese e eu quero que vocês entendam que esses trabalhos pormenores que são essenciais na vida, porque se vocês (mulheres) não colocarem a semente ali, ele não vai virar um alimento. (Cristina, Coordenadora pedagógica da EFASC, 2020).*

Além de questionarem os papéis e as relações sociais de gênero, as estudantes também compreendem que o olhar dos colegas homens para os trabalhos realizados por elas é diferente e que "diferente" implica em invisibilizá-las tanto quanto aos seus saberes. Com isso, sentem a necessidade de provar que o trabalho desempenhado por elas não é apenas ajuda e que também podem realizar outros trabalhos porque se entendem sujeitos de sua própria história.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esse estudo nos mostra que os conhecimentos e o trabalho realizado pelas mulheres camponesas desempenham um papel educacional dentro da pedagogia da alternância realizada na EFASC. Tal construção acontece no diálogo entre os saberes populares, da experiência realizada, com os conhecimentos técnico-científicos que aprendem na escola. No momento em que o/a estudante retorna para a propriedade, na relação com a família, para pesquisar sobre a produção e preparação de alimentos, sobre conhecimentos medicinais como chás e óleos medicinais, sobre benzeduras se defrontam com os papéis de gênero socialmente aceitos.

Além de todos os conhecimentos que envolvem os cuidados, as mulheres são as responsáveis por transmitir os saberes da experiência para as novas gerações. As mulheres cumprem um papel particular nesse processo pedagógico, podendo reforçar a reprodução societal ou social, bem como pode romper com tal ordenamento.

A análise possibilitou a compreensão de que durante a troca e a construção de saberes dentro das propriedades rurais, os conhecimentos transmitidos para os jovens e as jovens são diferenciados, porém, mantendo-se no espectro do socialmente esperados para o conjunto de educandos/as na pedagogia dominantes. Ainda, foi possível observar que as educandas tendem a ter um olhar crítico e problematizador em relação aos educandos, para questões de relevo e solo na hora do plantio e de melhor utilização da terra, ressignificando seus papéis e agência histórica na pedagogia da alternância.

Os conhecimentos das mulheres, geralmente, dão-se a partir dos trabalhos domésticos e de cuidados, que estão relacionados com (re)produção da vida. Pode-se observar, com a análise das entrevistas, que a (transitividade) consciência sobre o papel desempenhado pelas mulheres no campo acontece de forma diferente entre as entrevistadas. Enquanto algumas ainda não compreendem as atividades realizadas como sendo um trabalho, e, sim, como "ajuda", outras reconhecem que seus conhecimentos não se limitam aos trabalhos domésticos e de cuidados. E, essa consciência crítica se torna parte fundamental no processo pedagógico, na medida em que confronta a realidade tanto na propriedade quanto na escola. Esse questionamento acontece, principalmente, dentre as mulheres mais jovens. A fala de Catiúcia representa a percepção de outras meninas:

*Sendo mulher lá dentro (da EFASC) a gente descobre que tem um valor imenso na agricultura, antes eu pensava que todo meu trabalho era só uma ajuda, mas com as nossas rodas de conversa, com as reuniões e tudo o que a escola proporciona, muda o pensamento da gente e faz entender que nosso trabalho é trabalho mesmo, não é só ajuda. E dentro da escola a gente tem o nosso valor sendo mulher. (Catiúcia, estudante da EFASC, 2020).*

O projeto de pesquisa segue em andamento, buscando maiores aprofundamentos sobre o papel das mulheres camponesas na pedagogia da alternância, além de buscar compreender as relações entre os saberes populares e os conhecimentos técnico-científicos na experiência da EFASC.

Agradecemos a CNPq pela concessão de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) que contribuiu para a realização dessa pesquisa.

## REFERÊNCIAS

AGEFA, EFASC. *Relatório de Atividades 2020: EFASC em tempos de pandemia*. Santa Cruz do Sul: 2020.

ARUZZA, C. *Funcionalista, determinista e reducionista: o feminismo da reprodução social e seus críticos*. Tradução de Murillo van der Laan. Science and Society, vol. 8, n. 1, 2016.

ÁVILA, J. S.; BORGES, B. C.; MORETTI, C. Z. SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS: UMA ANÁLISE DO ESTÁGIO DE VIVÊNCIAS COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE SANTA CRUZ DO SUL. *Revista Jovens Pesquisadores*, Santa Cruz do Sul, v. 10, n. 2, p. 73-88, abr. 2021. ISSN 2237-048X. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/jovenspesquisadores/article/view/14894>>. Acesso em: 10 jul. 2021. doi:<https://doi.org/10.17058/rjp.v10i2.14894>.

BECHER, C. *O sentido do trabalho para agricultoras familiares*. IV Simpósio Gênero e Políticas, Universidade Estadual de Londrina, 2016.

CORNELI, C.; MORETTI, C. Z. *Saberes Populares, conhecimentos científicos: as mulheres na pedagogia da alternância*. Juara: RCC, 2018.

CORRÊA, A. M. *Escola família Agrícola de Santa Cruz do Sul: Pedagogia da Alternância e Possibilidades emancipatórias*. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), 2016.

COSTA, J. P. R; SOUZA, M. B; VERGUTZ, C. L. B. A questão do gênero na escola família agrícola de Santa Cruz do Sul: um olhar sobre o estágio de vivência. Rio de Janeiro: *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, 2017.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*, São Paulo. Editora Paz e Terra Ltda, 1968.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JARA H., O. *A sistematização de experiência: prática e teoria para outros mundos possíveis*. Tradução de Luciana Gafrée e Silva Pinevro; colaboração Elza M. Falckembach, - 1.ed. -Contag. Brasília, 2012.

PAULILO, Maria Ignez. *Mulheres rurais: Quatro décadas de diálogo*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016.

SAFFIOTI, H. I. B. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidades*. Petrópolis, Vozes, 1976.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. *Revista Brasileira de Educação*, 2007.

VERGUTZ, C. L. B. *Aprendizagens na pedagogia da alternância da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul*. 2013. 172f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Santa Cruz do Sul, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/506> . Acesso em: 10 jul.2021.

VERGUTZ, C. L. B. *Pedagogia das vozes e dos silêncios: experiências das mulheres na pedagogia da alternância da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul - EFASC*. 2021. 403f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Santa Cruz do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/3112>. Acesso em: 10 jul.2021.